

**Análise do livro didático de geografia no Ensino Médio do Colégio Dr. Pedro Ludovico Teixeira (Porto Nacional – TO)****Analysis of the geography textbook in high school at The Dr. Pedro Ludovico Teixeira School (Porto Nacional – TO)**Roberto de Souza Santos<sup>1</sup>Jaciera Araújo de Moura <sup>2</sup>**Resumo**

A Geografia é entendida como uma ciência social que visa explicar e compreender a realidade dos fatos que ocorrem na sociedade. Na prática educativa, a Geografia é uma área do conhecimento capaz de integrar o aluno ao meio em que vive. O ensino de Geografia tem como objetivo a formação de indivíduos que saibam ler o espaço, que consigam analisar o sistema e as estruturas que produzem a sua organização. Esta pesquisa procura analisar o uso do Livro Didático de Geografia, no Ensino Médio, como instrumento de ensino na prática didática, investigando sua utilização em sala de aula pelos alunos e professores. Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, de natureza qualitativa, embasada por pesquisas bibliográficas e por uma pesquisa de campo com 53 alunos do Ensino Médio do Colégio Dr. Pedro Ludovico Teixeira. Os resultados apontam que a utilização do Livro Didático de Geografia dentro da sala de aula é fator de suma importância na prática didática e pedagógica dos professores e os alunos, na medida em que atua como auxiliar do professor desde o planejamento até a execução de suas atividades.

**Palavras-Chave:** Recursos Pedagógicos; Prática Didática; Ensino De Geografia.**Abstract**

Geography is understood as a social science that aims to explain and understand the reality of the facts that occur in society. In educational practice, Geography is an area of knowledge, capable of integrating the student into the environment in which he lives. The teaching of Geography aims to train individuals who know how to read space, being able to analyze the system and structures that produce its organization. This research seeks to analyze the use of the Geography Textbook, in High School, as a teaching instrument in didactic practice, investigating its use in the classroom by students and teachers. This is descriptive exploratory research, qualitative in nature, based on bibliographic research and field research with 53 high school students from Colégio Dr. Pedro

<sup>1</sup> Professor doutor do curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia no Campus Universitário de Porto Nacional-TO, da UFT. E-mail robertosantos@uft.edu.br ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4373-6443>.

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia e mestre em Geografia. E-mail - jaciaraujo007@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0394-7932>.

Ludovico Teixeira. The results indicate that the use of the Geography Textbook in the classroom is a very important factor in the didactic and pedagogical practice of teachers and students, as it acts as a teacher's assistant from planning to the execution of their activities.

**Keywords:** Pedagogical Resources; Teaching Practice; Teaching Geography.

## Introdução

A aproximação com o campo da pesquisa decorre da nossa experiência no Estágio Supervisionado Obrigatório, que envolveu o trabalho no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, uma instituição pública de ensino no município de Porto Nacional (TO). A partir do estágio sob o qual esse estudo se baseia, foi possível observar e identificar, na prática didática-pedagógica, a importância e a utilização do Livro Didático (LD) de Geografia do Ensino Médio (EM) em sala de aula.

A Geografia é entendida como uma ciência social que visa compreender e explicar a realidade dos fatos que ocorrem na sociedade. Na prática educativa, a Geografia é uma área do conhecimento capaz de integrar o aluno ao meio social em que vive. Para a prática educativa na área da Geografia, podemos destacar o Livro Didático (LD), que se constitui em uma ferramenta de caráter pedagógico, capaz de provocar e construir o aperfeiçoamento da prática pedagógica em sala de aula.

Os LDs são instrumentos de trabalho integrante da tradição escolar de professores e alunos. No caso particular do LD do E.M, é um recurso que desempenha um papel significativo no processo educacional, uma vez que se configura como um dos instrumentos de trabalho de professores no processo de construção do conhecimento com os alunos.

O conceito de LD ultrapassa a ideia de um instrumento didático que auxilia o professor na dinâmica de ensino em sala de aula, é uma ferramenta capaz de induzir e provocar a aprendizagem e estimular o desenvolvimento do senso crítico, a partir da realidade vivida.

O universo de análise envolveu 53 alunos do Ensino Médio de Geografia do Colégio Dr. Pedro Ludovico Teixeira e se utilizou de um questionário aplicado entre esses estudantes durante o ano de 2018. Esta pesquisa é exploratório-descritiva e de natureza qualitativa, embasada por

pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Para Richardson (1985), a pesquisa qualitativa envolve a aquisição de dados descritivos sobre lugares e processos interativos, através do contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fatos, segundo a perspectiva dos sujeitos. Tal metodologia possibilita descrever a complexidade de um determinado problema, analisar a interação de variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir para o processo de mudança de determinado grupo.

O estudo exploratório proporciona a expansão do conhecimento relativo ao assunto pesquisado. Segundo Chizzotti (1995), a pesquisa exploratória objetiva provocar o esclarecimento de uma situação para a tomada de consciência. Ressalta-se sua natureza qualitativa, uma vez que procura investigar por meio de pesquisa de campo (entrevistas por exemplo) de atores sociais como os alunos do EM que se constituem como objeto da presente análise.

O objetivo geral desse estudo é analisar o uso e a importância do LD de Geografia, no Ensino Médio, como instrumento de ensino na prática didática, investigando sua utilização em sala de aula pelos alunos e professores do Colégio Dr. Pedro Ludovico Teixeira. O trabalho foi estruturado em duas atividades: uma teórica, de fundamentação conceitual; e outra empírica, de coleta de dados, as quais se desenvolveram simultaneamente. Tais atividades se complementam, no sentido de atingir os objetivos propostos.

A partir do objetivo proposto, a fundamentação teórica é utilizada para a análise do LD de Geografia. Silva (2000), relata que a unidade do conhecimento se encontra na relação entre o homem e meio, sujeito e objeto, num movimento dialético.

### **Fundamentação teórica e metodológica**

A área do conhecimento geográfico é muito ampla, atuando no campo das ciências humanas e das ciências naturais. Basicamente, podemos elencar quatro correntes do pensamento geográfico: o da Geografia Tradicional, da Nova Geografia, da Geografia Crítica e da Geografia Humanística. A Geografia proporciona um estudo sobre as técnicas, os motivos, as consequências, ou seja, toda historicidade da ação humana que desencadeia as condições atuais. Ou seja, a ciência

geográfica procura compreender o espaço geográfico a partir de uma contextualização temporal e espacial.

De acordo com Simielli (1999, p. 77), “a Geografia é uma ciência que trabalha com diferentes recortes de espaço e tempo”. Andrade (1987, p. 14), vai além, afirmando que “a Geografia é a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza”. A ciência geográfica tem um campo vasto de estudo desde a Geografia Física à Geografia Humana. A área do ensino de Geografia, propõe estudar e analisar as interações do sujeito com o meio social e o espaço vivido.

Assim, o debate e a análise na área do ensino e Geografia devem ser executados considerando a realidade social vivida em determinado espaço e tempo. Atualmente, a sociedade está submetida à era da informação e dos sistemas tecnológicos, características que trazem consigo um cenário político e social. Portanto, a ciência geográfica precisa ser capaz de compreender estas novas tendências.

Além, destes apontamentos dos autores mencionados nos parágrafos anteriores sobre a ciência geográfica, há também as diretrizes do Ministério da Educação e Cultura, que abordam sobre o ensino e a Geografia. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 356), propõe que estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Em prol de realizar a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico.

O raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial, aplica determinados princípios para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas (BRASIL, 2018, p. 356).

De acordo com a BNCC (2018), essa é a grande contribuição da Geografia aos alunos da Educação Básica: desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação. A BNCC (2018) propõe, ainda, o trabalho com o conceito de espaço no processo ensino aprendizagem. Sendo, o espaço, um

conceito inseparável do de tempo, ambos precisam ser pensados articuladamente como um processo. Deve-se trabalhar o tempo social e o tempo da natureza. Vale salientar que os tempos da natureza não podem ser ignorados, pois, marcam a memória da Terra e as transformações naturais que explicam as atuais condições do meio físico natural.

A temporalidade das ações humanas e da sociedade por meio da relação tempo-espço representa um importante e desafiador processo na aprendizagem de Geografia. É preciso ir além das descrições de informações e fatos do dia a dia, do contexto imediato da vida dos sujeitos.

O Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) também estabelece diretrizes para o trabalho de ensino e Geografia. Desde sua implantação, o programa passou a aprimorar o LD como ferramenta pedagógica. Alguns dos critérios de aprimoramento envolveram a adequação dos conteúdos de acordo com a realidade do aluno e contextualizar os conteúdos com o mundo social, econômico e cultural.

Com o desenvolvimento do ensino brasileiro e a criação do PNLD, tornou-se possível aos professores avaliarem a qualidade dos livros didáticos, em um processo em que cada educador usa da sua experiência teórica e empírica para se apropriar do texto didático e transformá-lo em proposições adequadas à realidade do seu aluno (AGUIAR, 2006).

Com a criação do Guia de Livros Didáticos<sup>3</sup>, tornou-se mais exequível a análise e a avaliação prévia do conteúdo pedagógico. Para Batista (2003), a avaliação dos livros didáticos é realizada através de um processo criterioso para selecionar os livros que possam ser adequados para o ensino e, portanto, indicados para a escolha dos professores de acordo com a realidade dos seus alunos e o propósito de suas práticas pedagógicas.

Bonini e Yano (2018) relatam que, em um processo de avaliação do LD, é recomendável que seja levado em conta os seguintes critérios: organização do livro: divisão entre os capítulos; organização dos conteúdos nos capítulos; imagens e análise linguística. Há outros aspectos

---

<sup>3</sup> O Guia de Livros Didáticos é, em termos gerais, um documento lançado pelo PNLD desde a década de 1990. O público-alvo deste documento é a comunidade escolar, principalmente os docentes. Por meio dele, os professores podem selecionar os livros didáticos que são de interesse. O procedimento de avaliação do material é realizado por dois ou três membros de uma comissão e pelo coordenador da equipe avaliadora. Atualmente, o Guia Nacional de Livros Didáticos é acessível por suporte online.

importantes, como o de leitura. Para avaliar tais critérios em um LD, os autores se orientam a partir dos seguintes questionamentos: “O livro traz quantos textos em uma unidade? Você considera uma boa quantidade, sem excessos ou faltas?”; “O livro instiga a leitura dos textos? Busca ativar o conhecimento prévio do aluno? Traz, por exemplo, alguma imagem, manchete ou proposta de diálogo antes da leitura?” (2018, p. 338). Outro critério que os autores sugerem é o de atividades a partir do texto. Neste critério, questionam-se se “o livro traz uma quantidade adequada de atividades de interpretação” (2018, p. 338).

Basicamente, os critérios mencionados referem-se à adequação didática e pedagógica; a qualidade da edição gráfica; a presença do manual de apoio ao professor, como um instrumento que permitirá ao educador uma melhor utilização do livro; compreensão dos conceitos; e abordagens expressadas e assumidas pelo autor ou autores dos livros. De acordo com Horikawa e Jardimino (2010), o livro didático constitui-se em um mecanismo relevante para os processos de leitura e compreensão de textos. Se o professor souber explorá-lo, a partir da criatividade, por exemplo, o trabalho com textos de diversos gêneros textuais, necessário ao alunado e comportado pelo LD, certamente propiciará ao alunado boas reflexões sobre sua realidade.

O livro didático se encontra longe de ser uma fonte plena de sabedoria, capaz de orientar os professores no desenvolvimento integral das crianças. É o professor quem deve ter uma boa preparação para desenvolver essa atividade de vital importância e, embora haja, por um lado, o desenvolvimento das novas tecnologias, da mídia, dos textos digitais, por outro, o livro continua sendo aliado do professor e um recurso imprescindível para os alunos (HORIKAWA; JARDILINO, 2010).

O conceito de livro didático atualmente ultrapassa a ideia de um objeto material que auxilia o professor na dinâmica de ensino em sala de aula. É capaz também de induzir e provocar no aluno a aprendizagem e estimular o desenvolvimento do senso crítico. De acordo com Albuquerque (2002), o livro didático é o material importante e de grande aceitação porque, além de fornecer, organizar e sistematizar os conteúdos explícitos, inclui métodos de aprendizagem da disciplina.

Pesquisas mais recentes reforçam a ideia de que o livro didático é considerado um instrumento importante na relação professor-aluno, pois oferece um rol de informações, ilustrações, textos e atividades, que são utilizados durante as aulas, instrumentalizando o processo de ensino-aprendizagem, (RODRIGUES; CUNHA, 2020). Os referidos autores relatam ainda que o livro didático continua sendo o material mais usado nas escolas brasileiras, muitas vezes sendo colocado como o único objeto de estudo e fonte de pesquisa possível, o que se configura como uma falha no sistema de ensino do país (RODRIGUES; CUNHA, 2020).

Os autores também argumentam que o LD tem as suas fragilidades. O problema mais evidente é em relação à forma de uso do livro didático, pois continua, em muitos casos, sendo utilizado de forma equivocada, apenas como instrumento de reprodução de conteúdo (RODRIGUES; CUNHA, 2020) Esse método de trabalho ainda acontece e não garante a aprendizagem dos alunos, muito menos a percepção crítica desses estudantes. Caracteriza-se, portanto, como crucial, a mediação do professor e a conexão entre os conteúdos do livro e a realidade vivida pelos alunos.

De acordo com Aguiar (2006), algumas coleções de livros didáticos apresentam textos inovadores, que consideram que as orientações específicas para a realização das atividades devem ser descritas ao docente de forma detalhada, a fim de garantir a efetivação do trabalho em sala de aula. Segundo este autor, o ideal é que seja possibilitado um vínculo de reconhecimento entre a proposta do livro as experiências, crenças e estilos de ensino de cada professor.

É notável que os autores dos livros didáticos buscam racionalizar o trabalho e o tempo escolar, objetivando maximizar o processo de ensino-aprendizagem. Parcela significativa dos professores tendem a aderir ou se identificar com as propostas de trabalho e com a proposta pedagógica apresentada pelo livro didático (HORIKAWA; JARDILINO 2010). Desse modo, a seleção dos livros didáticos constitui uma tarefa importante para o ensino-aprendizagem. Assim, deve-se levar em conta, a seriedade dos critérios para a escolha dos conteúdos.

Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas de novo vou insistir, por culpa das

condições de trabalho que o professor tem (...). Um professor (...) nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, frequentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apoia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino (SOARES, 2002, p. 2).

No Brasil, os dois papéis citados por Soares (2002), coexistem. O papel real tem maior presença nas escolas, e o papel ideal, é o mais desejado. O referido autor afirma ainda que o professor de Geografia, que escolhe o livro didático para trabalhar em sala de aula, deve considerar entre outros critérios, como: proposta pedagógica, os modos de contextualização e apresentação dos conteúdos, nível de complexidade e relações estabelecidas com o cotidiano dos estudantes.

Analisando ainda sobre a escolha do livro didático de Geografia, autores como Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007, p. 340) fazem uma advertência: “O professor, ao escolher um livro didático, não pode fazê-lo de forma aleatória, pois alguma reflexão necessita ser realizada se o mestre tiver consciência de que o alvo é, no presente caso, o aprendizado geográfico”. Entretanto, perante esse procedimento, professor se depara com dificuldades. Uma delas é que, com condições de trabalho muito precárias e, principalmente, uma jornada de trabalho muito excessiva, o professor de Geografia acaba não tendo tempo para fazer essa análise do livro didático com mais cuidado.

Como o conteúdo do livro é preparado para todo o território nacional, o professor precisa trabalhar esse conteúdo contextualizando e relacionando com a realidade e ao cotidiano do aluno. Assim, os professores podem apresentar dificuldade em utilizar o livro didático de Geografia quando forem trabalhar conteúdos relacionados ao seu município, pois, os livros didáticos tendem portar conteúdos mais genéricos e podem não descrever as particularidades das diversas localidades brasileiras. Silva e Sampaio (2014) afirmam que, quanto ao conteúdo do livro, é necessário que haja uma linguagem própria ao público para o qual é destinado sem, no entanto, perder o rigor científico. A presença bem dosada de textos literários, artigos e reportagens de jornais e revistas enriquece o material e possibilita ao aluno uma visão ampla e diversificada sobre determinado assunto. É importante que os professores de Geografia trabalhem temáticas



relevantes como cidadania, contradições sociais urbanas e rurais. Essas temáticas devem ser trabalhadas levando em conta a diversidade cultural, social, econômica e natural.

É recomendável que o professor busque, no livro didático, as contribuições que possibilitam a ele mediar a construção do conhecimento científico pelo aluno, para que este se aproprie da linguagem e desenvolva valores éticos, mediante os avanços da ciência, contextualizada e socialmente relevante (PERUZZI, *et. al*, 2000). Pesquisas mais recente apontam que é preciso que o livro didático apresente conteúdos com diferentes pontos de vista, para que os alunos formem seus próprios conceitos, compreenda os conteúdos e estimule o exercício da cidadania. Nos livros que apresentam textos e atividades é interessante que o aluno consiga problematizar os aspectos por elas levantados, e desenvolva o senso crítico e criatividade, afirmam Emiliana e Menezes (2018).

Para que o estudante desenvolva seu próprio conhecimento e, diante dele, possa tomar as suas próprias decisões, é necessário que o professor estimule esse potencial no aluno. É tarefa dos professores complementar, adaptar, dar maior sentido aos livros didáticos, de modo que esse objeto se qualifique como auxiliador de ensino-aprendizagem.

### **Resultados e discussões**

Antes de fazer a análise do material produzido, é importante que se faça a caracterização da escola Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, que é o nosso objeto de análise. A escola está situada à Avenida Sergipe, s/nº, no Setor Novo Planalto, zona urbana periférica da cidade de Porto Nacional (TO). A Escola iniciou suas atividades no ano de 1979, e foi reconhecida em 1981, através da Lei de Criação nº 897/1981 para o funcionamento de turmas de 1ª a 4ª séries com ensino multisseriado. A partir da Portaria 4.160 de 20 de dezembro de 2000, foi regularizado o Ensino Fundamental de 1ª a 8ª séries. Em 2003, através da portaria nº 2.078, foi implantado o Ensino Médio para Jovens e Adultos, o EJA. Na Figura 01, podemos visualizar a referida escola.

Figura 01 - Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira.



Fonte: Moura (2018).

O Colégio funciona em dois turnos: matutino e vespertino. No turno matutino, são atendidos alunos do 5º ao 9º ano, sendo uma turma de 5º e 6º anos, e duas turmas do 7º ao 9º ano; alunos do Ensino Médio (duas turmas de 1ª série e 2ª série, uma turma de 3ª série), e 1ª série do Curso de Segurança do Trabalho, integrado ao Ensino Médio. No período vespertino, a escola atende duas turmas de 6º ano, duas do 7º ano e duas do 9º ano. Quanto ao número de alunos matriculados no ensino regular, a escola tem 21 turmas, totalizando 684 alunos, sendo 175 alunos no Ensino Médio. No Programa Mais Educação, ela atende cerca de 97 alunos em oito turmas, sendo três turmas pela manhã e cinco no período da tarde.

Podemos perceber que há uma variedade de alunos que estudam na escola desde a 1ª ano do ensino fundamental até o Ensino Médio e EJA. É uma escola pública de periferia da cidade, portanto, as condições de infraestrutura escolar para desenvolver o ensino-aprendizagem ainda são precárias e existe, por exemplo, a dificuldade de acesso à internet. Se o acesso à internet ainda é precário, é necessário que o professor lance mão dos Livros Didáticos impressos.

Dentre os materiais utilizados, o LD é apenas um dos instrumentos de apoio ao trabalho do professor e que, por melhor que seja, é complementado com exercícios e atividades a partir filmes, documentários, literatura, poesia e visitas a museus, sempre considerando a realidade co-

tidiana do aluno. Cabe ao professor utilizar tais recursos como proposta para ampliação dos conteúdos dispostos pelo livro, assim como como relatam Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007)

Para conhecer a opinião dos alunos do EM do Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira sobre o LDs, foi realizada uma pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário com 5 perguntas, envolvendo 53 alunos das turmas de EM do Colégio. A primeira questão aplicada foi: *Você usa o livro didático de Geografia em sala de aula?* Dos 53 alunos analisados, 18 confirmaram que sim, 10 confirmaram que não, 25 as vezes, conforme demonstra a Tabela 01. Com essas respostas, podemos observar que em um total de 53 alunos, apenas 18, usam o LD na sala de aula, o que é pouco expressivo.

Entre as três séries, a 1ª é a que mais usa o LD. As respostas apontam também que a tendência é aumentar o desestímulo pelo uso do livro, conforme demonstra a Tabela 1. Vale salientar que o estímulo para que os alunos usem o LD também depende da metodologia de ensino do professor, como apontam Rodrigues e Cunha (2020), e não somente da qualidade do livro em si.

Tabela 1 - Você usa o livro didático de Geografia em sala de aula?

Alternativas	1º ano <sup>4</sup>	2º ano	3º ano	Total
Sim	10	4	4	18
Não	4	1	5	10
Às vezes	12	9	4	25
Nº de alunos analisados	26	14	13	53

Fonte: Moura (2018).

A segunda questão aplicada foi: *O que você acha da utilização do livro didático de Geografia em sala aula?* Entre os 53 alunos analisados, 45 confirmaram que é importante e 8 confirmaram que não é importante a utilização do LD, conforme podemos visualizar na Tabela 2. A tabela mostra que a maioria dos alunos reconhecem a importância do Livro Didático, o que significa dizer que se os professores e a gestão escolar adotarem um projeto pedagógico de estímulo ao uso do LD, os alunos o farão.

<sup>4</sup> Vale lembrar que a BNCC usa o termo série para referir ao 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Optamos por usar o termo “ano” do Ensino Médio.

A maioria, na questão 2, apontou que acha importante a utilização do LD. Ou seja, se uma pequena parcela dos alunos não usa o LD durante as aulas, provavelmente, porque não há uma motivação para tal finalidade. Ao analisar a importância atribuída ao LD pelos alunos, percebe-se que ele se constitui em um dos materiais didáticos e, como tal, passa a ser um recurso facilitador da aprendizagem e instrumento de apoio à prática pedagógica do professor em sala de aula, como sinaliza Peruzzi, *et al* (2000).

Tabela 2 - O que você acha da utilização do livro didático de Geografia em sala aula?

Alternativas	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Importante	23	11	11	45
Não Importante	3	3	2	8
Nº de alunos analisados	26	14	13	53

Fonte: Moura (2018).

A terceira questão aplicada foi: *Você utiliza o livro didático de Geografia fora da escola?* Dos 53 alunos analisados, 4 confirmaram que sim, 29 confirmaram que não e 20 confirmaram que “às vezes”, conforme podemos visualizar na Tabela 3. Os alunos que utilizam o LD de Geografia fora da escola são minoria, ou seja, entre os 53 alunos analisados apenas 4 fazem uso deste instrumento pedagógico fora do ambiente escolar. Mais da metade dos alunos analisados (29) sinalizou que não utilizam o LD, o que representa uma parcela muito expressiva do alunado. Acredita-se que, para contornar essa realidade, os professores e os gestores da unidade escolar podem desenvolver um projeto pedagógico que motive e inspire os alunos a ter apreço para com o LD de Geografia fora do ambiente escolar.

Tabela 3 - Você utiliza o livro didático de Geografia fora da escola?

Alternativas	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Sim	2	-	2	4
Não	15	7	7	29
Às vezes	9	7	4	20
Nº de alunos analisados	26	14	13	53

Fonte: Moura (2018).

A quarta questão aplicada foi: *Você entende os conteúdos expostos do livro didático de Geografia?* Dos 53 alunos entrevistados, 27 afirmaram que sim, 5 afirmaram que não e 21 afirmaram que “às vezes”, conforme podemos visualizar na Tabela 4. De acordo com essas respostas, podemos observar que um pouco mais da metade dos alunos analisados entendem que os conteúdos expostos do livro didático de Geografia. Apenas 5 alunos afirmaram não entender os conteúdos expostos no LD, o que é uma boa notícia, pelo fato de ser uma minoria.

Entretanto, entre os que afirmaram que nem sempre (às vezes) compreendem o conteúdo trabalhado no livro, somam um total de 21 alunos, que é um contingente alto, considerando o universo de 53 alunos. Pode-se inferir que a forma de trabalhar os conteúdos expostos no LD de Geografia, não leva em conta o vínculo da realidade dos estudantes do Colégio, não despertando interesse dos alunos. Ou também pode ser, que o LD seja pouco atrativo para essa parcela dos alunos analisados.

Tabela 4 - Você entende os conteúdos expostos do livro didático de geografia?

Alternativas	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Sim	14	8	5	27
Não	1	3	1	5
Às vezes	11	3	3	21
Nº de alunos analisados	26	14	13	53

Fonte: Moura (2018).

A quinta questão aplicada foi: *Quais os conteúdos do livro didático de Geografia que você gosta?* Entre os 53 alunos entrevistados, 6 disseram gostar de conteúdos sobre política, 6 disseram gostar de conteúdos sobre economia, 12 disseram gostar de conteúdos sobre cultura, 28 disseram gostar de conteúdos sobre meio ambiente, 1 disse não gostar dos conteúdos apresentados no LD de Geografia, conforme demonstra a Tabela 5.

Observando as respostas relatadas da Tabela 05, podemos deduzir que o fato de os alunos questionados gostarem mais dos conteúdos referentes ao meio ambiente se justifique pela

veiculação midiática do tema, sendo algo muito comentado pela imprensa devido à grande crise sociedade relacionada à natureza. Ultimamente, debates sobre queimadas e alagamentos configuraram-se como altamente presentes nos telejornais.

Tabela 5 - Quais os conteúdos do livro didático de geografia que você gosta?

Alternativas	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Política	-	3	3	6
Economia	3	3	-	6
Cultura	4	3	5	12
Meio Ambiente	19	5	4	28
Não gosto de Nenhum	-	-	1	1
Nº de alunos analisados	26	14	13	53

Fonte: Moura (2018).

A partir dos dados da Tabela 05, podemos observar ainda que os conteúdos do LD de Geografia do Ensino Médio que os alunos mais gostam é da área do conhecimento do meio ambiente. É importante ressaltar que os conteúdos levantados no questionário – política, economia, cultura e meio ambiente não são vistos a partir de um olhar hierárquico, ou seja, todos têm a mesma relevância.

Considera-se que, ao professor, cabe à responsabilidade de utilizar o LD de forma adequada e não deixar que ele seja esquecido. O professor, ao escolher o LD, deve considerar além dos conteúdos, a proposta pedagógica de sua escola, os modos de contextualização e apresentação, nível de complexidade e as relações estabelecidas com o cotidiano dos estudantes, como relata Soares (2002). O educador também deve complementar com conteúdo de revistas científicas e outras fontes para ampliar o conhecimento. Sabemos que, no contexto histórico e social atual, o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como instrumento de pesquisa se apresenta com grande destaque e importância, mas o uso do LD ainda representa a principal fonte de trabalho como material impresso na sala de aula no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico. Considerando que, no processo de escolha do material, os professores que optam pelo LDs o fazem

acreditando que tal objeto contenha uma linguagem coerente e clara para o adequado entendimento e compreensão dos conteúdos.

### Considerações Finais

Ao longo desse estudo, buscou-se demonstrar a importância do LD dentro ou fora da escola, dado que o LD é um forte instrumento de disseminação de conhecimento. Entretanto, salienta-se que é função do professor fazer analogias, conexões, diferenciação, distribuição e extensões como princípios do conhecimento didático geográfico. Foi observado que os alunos reconhecem a importância do LD de Geografia na sala de aula (e considerando que essa importância só existe se o professor a desenvolver com os estudantes), é preciso adequar o uso do livro em atividades pedagógicas que dialoguem e reflitam sobre a realidade cotidiana e o espaço vivido dos alunos.

Mediante a análise empírica ficou evidente que o LD de Geografia é um importante recurso de aprendizagem no contexto escolar, cuja eficácia depende de uma adequada escolha e utilização dentro e fora da sala de aula. A sua escolha como instrumento de conhecimento deve ser entendida como o resultado complexo de interações mediadas por questões políticas, ambientais, econômicas, sociais e, por fim culturais e tecnológicas.

### Referências

- AGUIAR, O. G. Professores, Reformas Curriculares e Livros Didáticos de Ciências: parâmetros para a produção e avaliação do Livro didático. **Anais do XI Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**. Londrina: SBF, 2006.
- ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- ALBUQUERQUE, E. B. C. **O discurso dos professores sobre a utilização do livro didático**: O que eles afirmam/negam em relação a este material? Recife: Mimeo, 2002.
- BATISTA, A. A. G. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (Orgs.). **Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da Escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

BONINI, A.; YANO, D. C. A avaliação do livro didático como tema da formação inicial do professor de língua portuguesa. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 323-343, maio/ago., 2018.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 ago. 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

EMILIANA, C. A.; MENEZES, P. K. O uso do livro didático de geografia no ensino fundamental do colégio estadual ministro Santiago Dantas. **Élisée - Rev. de Geografia da UEG**, Porangatu, v. 7, n. 1, p.131 - 143, jan./jun., 2018.

HORIKAWA, A.; JARDILINO, J. A formação de professores e o livro didático: avaliação e controle dos saberes escolares. **Revista Lusófona de Educação**, América do Norte, 15, ago. 2010.

LOPES, A. C. **Currículo e Epistemologia**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

PERUZZI, H. U. et.al. Livros Didáticos, Analogias e Mapas Conceituais no Ensino de Célula. *In*: ARA-GÃO, R. M. R. de; SCHNETZLER, R. P.; CERRI, Y. L. N. S. (Org.). **Modelo de Ensino**: Corpo Humano, Célula, Reações de Combustão. Piracicaba, São Paulo: UNIMEP/CAPES/PROIN, 2000.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

RODRIGUES, A. L.; CUNHA, E. S. Nas entrelinhas do livro didático de geografia: a percepção de professores e alunos. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, n. 28, p. 183-193, jan./jun., 2020.

SILVA, R. G. D. A importância da teoria sócio-interacionista na formação de professores do Ensino Médio. **Psicologia em Estudo**, v. 5, n. 1, p. 139-143, 2000.

SILVA, L. M.; SAMPAIO, A. Á. M. Livros didáticos de geografia: uma análise sobre o que é produzido para os anos iniciais do ensino fundamental. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia v. 15, n. 52, p. 173–185, dez., 2014.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. *In*: CARLOS, A. F. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na Cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez., 2002.